

The background features a collage of historical figures and symbols. On the left, a portrait of a man in a suit and bow tie. In the center, a large, ornate chair. On the right, a portrait of a man in a military-style uniform with a crown. The text is overlaid on a dark brown vertical band.

UFRGS

PROFESSORES EMÉRITOS

MEMÓRIAS E HISTÓRIA



UFRGS
PROFESSORES EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

UFRGS

PROFESSORES
EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

Clarice Siedler

Édina Rocha

JOAQUIM BLESSMANN



Entrevista concedida em fevereiro de 2012. Foto: Thiago Cruz

1999

RECEBE O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UFRGS

142

O ENGENHEIRO QUE DOMINOU OS “VENTOS DESTRUTIVOS” PARA TORNAR AS CONSTRUÇÕES MAIS SEGURAS

“Quer dizer, a ideia original não foi minha, e sim do professor Sousa, então é graças a ele que a UFRGS tem o primeiro túnel de vento da América do Sul, e que durante 25 anos foi o único da região.”

“Um senhor foi fazer uma viagem e deu talentos para os seus auxiliares.

Para um deu cinco talentos, para outro três e para um terceiro, apenas um, que correspondia a trinta quilos de prata cada. Era um dinheirão. O primeiro aplicou tudo, e quando o patrão voltou, disse ‘aqui estão os cinco e mais cinco que consegui ganhar’. O outro: ‘aqui estão os três e mais uma quantia igual que ganhei’, e o terceiro disse ‘sei que o senhor é muito exigente e muito rígido com as coisas, fiquei com medo de perder e enterrei o meu talento’. Este foi castigado. Interessante que talento em português significa capacidade. Então, acho que dos meus talentos que ganhei não enterrei nenhum, procurei fazer render todos.”

Com essa parábola e respectiva analogia com sua vida, Joaquim Blessmann ilustra bem sua relação com a UFRGS e a sua paixão: os ventos. O professor dedicou, em média,

143

60 horas semanais ao estudo, à pesquisa e ao ensino durante 40 anos. Manteve esse ritmo até chegar à aposentadoria compulsória, que não permitia que seguisse dando aulas na graduação ou sendo o responsável pelo laboratório, restringindo suas atividades na instituição. Continuou, no entanto, a realizar pesquisas e a escrever artigos e livros técnicos.

Reconhecido por ser o pioneiro e até hoje um dos maiores especialistas em “ventos destrutivos” da América Latina, terá sempre seu nome associado à sua área de estudos na UFRGS. Uma das homenagens prestadas ao idealizador do Laboratório de Aerodinâmica das Construções (LAC) da Universidade foi imortalizar sua dedicação com o “Túnel de Vento Joaquim Blessmann”. Foi também o coordenador do grupo que elaborou a norma brasileira NBR-6123-Forças devidas ao vento em edificações, de 1978, que tornou as grandes construções muito mais seguras, reduzindo em até 80% os acidentes que ocorriam por ação dos ventos nas estruturas.

1950

CONCLUI O CURSO DE ENGENHARIA CIVIL NA UFRGS

1958

COMEÇA A ESTUDAR A AÇÃO DOS VENTOS NAS CONSTRUÇÕES, ALGO INOVADOR PARA A ÉPOCA

Conheceu a Universidade quando se inscreveu para o vestibular, “que era muito difícil, com provas dissertativas, além de aplicarem exames escritos e orais para todas as matérias (matemática, física e química)”, explica, acrescentando que a prova oral tinha seis examinadores em cada disciplina. Foi aprovado para a Engenharia, entrando em 1946 para nunca mais sair, como faz questão de frisar. Logo após sua formatura começou a lecionar na instituição. Dos tempos de faculdade, destaca o professor Luis Duarte Viana, “que era 100% UFRGS e tinha um conhecimento impressionante” e, para a vida prática, o professor de Topografia e Geodésia, Lelis Espartel, por dar “a única cadeira de aplicação. A gente saía da Escola sabendo mais que um prático”. Ele conta que, em construção civil, um mestre de obras sabia mais que os formandos e que em menos de um ano os jovens engenheiros emparelhavam e os ultrapassavam, devido aos seus conhecimentos técnicos, mas no começo era complicado. Em Topografia isso não aconteceu porque os alunos já trabalhavam no período da graduação. Ele, o irmão, que foi seu colega de aula durante toda a facul-

dade, e Jorge Englert saíam a campo a cavar, cravar estacas, fazer marcos de pedra e cortar arvoretinhos para abrir picadas. Cita, também, como exemplos de docentes que despertaram sua admiração e respeito o professor Ivo Wolf, do qual foi assistente, e Eladio Petrucci, que foi “meu chão em ciência dos materiais e quem me convidou para lecionar na UFRGS”.

Os ventos não entraram em sua vida de imediato. Começou a estudá-los em 1958, ano que considera emblemático porque, além de voltar-se para esse campo até então totalmente novo, completava 30 anos de idade, aceitava o convite feito para dar aulas no que seria a futura Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), comprava seu primeiro carro e entrava como cliente do Banco do Brasil. Naquela época, além de lecionar, trabalhava como projetista de estruturas. O que de imediato se converteu em sua paixão, teve início a partir do cálculo de um edifício de Porto Alegre, mais esbelto que o Empire State Building. Para ajudar a entender a situação, esclarece que o prédio tem 5,50m de largura na parte dos fundos e 55m de altura, o que dá um índice de esbelteza ou alteamento (que é o termo correto em aerodinâmica) de dez, enquanto no Empire State é de oito. “Foi um problema eu achar elementos para

calcular aquilo decentemente”, diz. Também era difícil calcular a estrutura de torres de igreja de alvenaria porque não havia material teórico nesse sentido, e a norma existente no país era completamente errada, assim como em muitos outros países.

Decidiu ir para o ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) estudar e pesquisar a ação dos ventos, pois não havia nada em outro lugar do Brasil. Esse era um novo ramo da Engenharia que surgiu na década de 1960, então se tornou um dos pioneiros. Quando chegou lá, em março de 1962, eles o convidaram para fazer o primeiro mestrado do Brasil na área, que fora criado pouco tempo antes. Ele e mais três formaram a primeira turma. “Fui estudar porque não entendia mais o que eu lia na especialidade, pois não havia nada em português. Eu tinha de ler e traduzir do inglês, francês, italiano, alemão e espanhol. Comecei traduzindo com dicionários e depois fui aprendendo, até o alemão.”

Com relação à sua experiência no ITA, conta um fato curioso. “A média na pós-graduação era 7,5 e não havia repetência, segunda chamada, nada. Quem tirasse menos que essa nota era excluído. As provas eram quase semanais e na primeira de matemática eu tirei cinco. Imagina eu, professor da Engenharia há dez, se fosse mandado embora do ITA por rodar

em matemática seria um vexame, uma vergonha. Moral da história, eu estudava, tinha aulas e dava aula (que era obrigado dar) na graduação, completando 13 horas e meia por dia de dedicação. Domingo era uma folga, porque somava apenas oito horas e meia. Eu que sou magro, emagreci oito quilos no primeiro semestre lá só por causa dessa matéria. O pior é que não valia crédito, e tinha de cursar e ser aprovado só para me nivelar com os alunos do ITA. Fui aprovado e aprendi mais matemática naquele semestre que em toda a Escola de Engenharia.” Ele não quer dizer, com isso, que os professores da UFRGS fossem piores que os de lá. Em sua opinião, o grande mérito do ITA é a cobrança e as provas seguidas, que forçam o aluno a saber realmente o que está fazendo.

Voltou a Porto Alegre antes de defender a dissertação (final de 1963), porque assumiu outra disciplina, a de Física Industrial (na Mecânica), como assistente do professor Enio Cruz da Costa. Naquele tempo, os professores podiam ter dois cargos porque eram ligados à matéria e não ao departamento. Continuou pesquisando, e como não havia fo-

1963

TORNA-SE MESTRE EM CIÊNCIAS PELO INSTITUTO TECNOLÓGICO DE AERODINÂMICA (ITA), DO CENTRO TÉCNICO AEROESPACIAL (CTA)

144

1973

CONCLUI DOUTORADO EM CIÊNCIAS PELO ITA

1978

COORDENA O GRUPO QUE ELABORA A NORMA BRASILEIRA NBR-6123 - FORÇAS DEVIDAS AO VENTO EM EDIFICAÇÕES

145

tocópia, lhe mandavam microfimes. Para analisá-los, montou em casa um laboratório fotográfico para ir revelando e ampliando o que o interessava sem gastar muito dinheiro.

Seu trabalho chegou a um ponto em que sentia a necessidade de um aparelhinho para visualizar o fluxo do vento, e o professor Penha Rodrigues, da Engenharia Eletromecânica, se ofereceu para construí-lo, mas não conseguiu injetores de jato de tinta para a visualização. Em 1962, quando veio a Porto Alegre para ver a família, o professor José Leite de Sousa, que era o diretor do IPH (Instituto de Pesquisas Hidráulicas), perguntou se ele não gostaria de ter um túnel de vento. Era tudo o que ele queria, era sua “paixão ter um”, mas não imaginava que fosse possível. O docente então perguntou se poderia ser construído no IPH, e ante a resposta positiva conseguiu a verba necessária, pediu à equipe da Secretaria de Portos, Rios e Canais que fizesse a parte cilíndrica na qual iria o motor; a outra parte foi feita no laboratório da Engenharia. “Quer dizer, a ideia original não foi minha, e sim do professor Sousa, então é graças a ele que a UFRGS tem o primeiro túnel

de vento da América do Sul e que durante 25 anos foi o único da região.”

A aposentadoria compulsória aos 70 anos o afastou das salas de aula, mas seguiu participando das atividades do Laboratório de Aerodinâmica das Construções por mais alguns anos. Apesar de não ter gostado do impedimento de seguir à frente do LAC, hoje reconhece que “em parte foi bom, porque entrou outra geração, o professor Acir Loredo- Souza, que é muito ativo. Eu disse para ele: “Acir, se eu era o professor ventania, tu és o professor vendaval ou temporal”, porque ele é impressionante. Conseguiu um aumento do túnel por meio da sua insistência”.

Blessmann participou intensamente desse primeiro projeto no continente e também do segundo, que foi realizado em Resistência, Argentina. Naquele tempo, ele dava palestras, conferências e cursos no país vizinho através da sua bolsa do CNPq de pesquisador conferencista, pela qual tinha de estar à disposição para passar seus conhecimentos onde o convidassem e o órgão aprovasse. Os engenheiros da cidade se interessaram em desenvolver algo parecido por lá e passaram a chamá-lo com certa frequência. Terminaram pedindo sua colaboração na criação e implantação do mecanismo.

Para o docente, a UFRGS foi a

sua vida profissional, e não apenas onde a desenvolveu. Sua dedicação era integral e hoje admite que a família foi sacrificada. “Eu trabalhava lá de dia e à noite estudava e preparava aulas ou pesquisa em casa. Realmente, nessa situação quem sofre é a família.” Diz que tem muito orgulho de ser da Universidade e de ter participado de seu crescimento, apesar de que teve de lutar para fazer pesquisas. Explica que naquela época professor tinha de dar aula, e pesquisar não era uma atividade bem vista. É bem verdade que essa não era uma prática comum na instituição já que, pelos seus cálculos, foi o primeiro a se lançar na pesquisa experimental, “ganhando” do professor Zawislak por alguns meses. Relembra que durante as festividades relativas aos 20 anos do curso de pós-graduação em Engenharia Civil, o professor José Gomes Franco, que havia sido seu diretor, lhe confessou: “Nós achávamos que querias pesquisar de vago, para não precisar dar aula”.

Considera que o momento mais emocionante em sua longa e intensa relação com a UFRGS foi quando declararam que ganhara o título de Professor Emérito, pois significa que reconheceram seu trabalho. “Pode não ter sido tanto pela qualidade do que fiz, mas pelo menos a quantidade e o esforço feitos. Acho que foi o clímax

da minha carreira na minha relação com a instituição”. Blessmann garante não ter frustrações porque “nunca pensei em ser o máximo, e sim em dar o máximo dentro da minha capacidade. Nunca sonhei em ser grande coisa, e sim em produzir bastante e fazer algo útil”. Devido a esse seu espírito, não deseja que a UFRGS seja a melhor instituição de ensino superior do mundo, mas que dê o melhor de si, dentro de suas possibilidades e que continue no topo, como está. Vê a Universidade com otimismo, porque progrediu muito em termos de ensino, de pesquisa e de qualificação dos seus quadros.

O docente, que diz sentir-se homenageado e honrado de participar deste livro por ainda se lembrarem dele depois de vários anos, deixa uma mensagem para os leitores: “Eu diria que em sua profissão, qualquer que seja, faça bem o seu trabalho. Não queira ser o melhor, porque há uma grande probabilidade de que não o seja e poderá se tornar um dos milhares de fracassados que o desejavam e não chegaram lá. Faça bem-feito o que escolheu para si, o faça com amor”.

1985 – 1986

COORDENA O PROGRAMA DE DOUTORADO EM ENGENHARIA DA UFRGS

1992

TORNA-SE PROFESSOR HONORÁRIO DA UNIVERSIDADE AUSTRAL, ARGENTINA

146

1998

APOSENTA-SE COMO DOCENTE DA UFRGS

2007

ENCERRA SUA ATUAÇÃO NO LABORATÓRIO DE AERODINÂMICA DAS CONSTRUÇÕES, DO QUAL FOI O IDEALIZADOR E ONDE ENCONTRA-SE O “TÚNEL DE VENTO JOAQUIM BLESSMANN”

147